

João de Barros, 1946.

Educador pela Paz

João de Barros, *Escolas da paz*. Diário de Lisboa, de 09.02.1946, p. 1

"Neste perturbado alvorecer da paz - da paz decisiva em que, apesar de todos os cepticismos e ironias fáceis, confio e creio - é para surpreender e indignar o número incalculável de pessoas não só convencidas, mas desejosas também, de nova e, por certo, mais terrível destruidora guerra. A convicção de que tal e tão grande calamidade se verifique em futuro próximo - embora eu não a tenha, nem suponha justificável - ainda de qualquer modo a compreensão. As circunstâncias de momento não deixam de trazer-lhe certo aspecto de exacta previsão. O que não compreendo nem aceito, porém, são as palavras jubilosas, as expressões de mal contida alegria, através das quais se torna patente o alvoroçado anseio de mais crueldades, de mais carnificina, de mais sangue, de mais lutos e de mais lágrimas. O mundo, ou, antes, a Humanidade sofre de não sei que diabólica doença, de não sei que perigosa infecção, moral e mental, herdado dum passado relativamente próximo (aquele em que pontificavam os maus apóstolos e profetas da violência como disciplina dos povos), agravada por todas as toxinas bélicas da tragédia, nem se sequer há um ano pior ou melhor concluída. A esperança - dar a esse sentimento vil o nome de esperança até arrepia... - a esperança de que reconhecem as discórdias e as batalhas, as crueldades, os dissídios e a imensa e impiedosa empreitada da morte que não tem outra causa, outra origem. O ar que se respira, de lés a lés do globo, está carregado de venenos. Se é tarefa necessária e benemérita limpar o mar das «minas» que o infestam, não seria igualmente indispensável liquidar de vez os germes nocivos que pairam e perduram no nosso ambiente, na atmosfera das mais diversas regiões, das mais diversas pátrias do Universo? Ninguém se atreverá a negar a vantagem dessa operação de saneamento que depende, afinal, de todos nós, de todos os homens de boa vontade e de boa fé, sejam quais forem as ideologias, os critérios, as patentes ou ocultas aspirações que os separem e oponham, que os dividam e afastam. Volta-se, pois, ao eterno tema: impõem-se uma educação, uma obra educativa de largo e nobre alcance, capaz de orientar as gerações nascentes para o sentimento da paz, para o amor actuante, para a defesa corajosa e para a consequência da plena das vantagens da paz. Combater a guerra, a ideia da guerra sem que todos se persuadam de que a paz e a ideia da paz lhe é superior, de que servirá? Tanta coisa tem desaparecido na voragem e no tumulto da vida dos últimos tempos, que não é demais pedir e querer o completo, o definitivo abandono da educação baseada no triste respeito pela crueldade e pela opressão - e o uso constante da bondade, da generosidade, da tolerância, da justiça nas escolas de onde sairão os mestres e orientadores de amanhã."

João de Barros, *Educação ou catástrofe*. Diário de Lisboa, de 17.10.1946, p.1 e 7

"Embora já se tenha querido amesquinhar o valor e a importância da obra do grande H. G. Wells, ela permanece, em muitos dos seus aspectos e momentos, impressionantemente actual. Por exemplo, quando nela encontramos conceitos do teor deste que vou citar: «a história da Humanidade tem cada vez mais a forma dum desafio entre a educação e a catástrofe». Quem de longe ou de perto, assistiu ao deflagrar das duas últimas e terríveis guerras mundiais e as suas consequências desastrosas e dolorosíssimas que delas resultaram, sente e apreende logo o singular e profundo alcance dessas singelas, mas eloquentes palavras. Se, de facto, os homens e os povos estivessem educados dentro de salutar, e dia

a dia mais necessários, princípios e normas de amor à paz - e, portanto, de verdadeira e leal fraternidade humana - difícil, senão impossível, se tornaria recorrer a processos bélicos para a resolução de divergências e de conflitos, quase sempre remediáveis e muitas vezes, no decurso do tempo, de essência e até de aparência efêmeras. Mas educar, educar verdadeiramente para a prática da solidariedade, do bem e da justiça, eis o que pouca gente faz e quer fazer. Este, porque está convencido de que nunca haverá modo de evitar ódios e carnificinas, discórdias e guerras; aquele porque não crê que seja a educação, e, sim, o medo uns dos outros, o processo único de afastar ou de abolir nos povos o recurso a violências e a crueldades para dirimir inevitáveis pleitos - todos, à uma, sorriem da pretensa ingenuidade dos idealistas que ainda crêem na eficácia da acção e da influência educativas. E nem se dão ao trabalho de tentar a mais vaga experiência em tal matéria, envergonhando-se até de que os suponham capazes de ideia tão pueril. O profético aviso ou apelo de Wells - «educação ou catástrofe» - é bastante anterior à segunda guerra, cuja evocação e lembrança, se nela demorarmos o espírito, confrange o coração e diminui a fé que nos cumpre manter nos destinos da humanidade de amanhã. Ninguém o ouviu, ninguém o entendeu, porém. A lição que se ofereceu às novas gerações foi até muito contrária ao que nos aconselhava o autor de «Antecipações», pequeno livro em que se recolhem preciosos e amplos ensinamentos. Perante as bem claras, barbaras e inegáveis brutalidades - para não lhes chamar outra coisa - numa época bem recente, a Europa e o mundo curvavam-se ou fingiam não acreditar nelas. Cinismo? Covardia? Não vale agora a pena procurar o motivo dessa cómoda indiferença, aliás, já explicado ou interpretado, mas não soubessem que elas existiam, que eram aceites, que não eram repelidas, pelo menos em palavras e atitudes familiares e quotidianas dos adultos - que dum acordado e aplauso tácitos, são muitas vezes expressos, com essas inflamantes, lamentáveis e anacrónicas maneiras de ser. Os homens regressavam, muito abaixo do «humano» - e não atentavam sequer na ausência do senso moral que também assim inculcavam à quase totalidade das almas jovens. E assim, ainda, se criava o hábito de ser vítima, ou arrogante e cruel dominador... Educação ou Catástrofe... Ontem, ontem mesmo, porque se desdenhou do valor da educação a catástrofe veio, temerosa e ensanguentou o globo, assolando, matando, arruinando tudo e todos. Ouço dizer agora que outra é fatal e não muito remota. Não creio, não o posso crer. Não é cedo já, porém, para escutar e seguir o conselho, o apelo de Wells. Que a gente moça aprenda nas hoje castigadas nações agressoras, e em todas as outras que não o foram nem querem ser, o respeito da vida alheia, a tal energia que não permita deixar aniquilá-las ou subvertê-las. E depois, citando de novo Wells «estará, talvez próximo o dia em que cessaremos de arrancar o coração dos nossos semelhantes para oferecer como homenagem e preito aos deuses do nosso capricho».

Comentário

Os dois artigos que se publicam foram recolhidos no jornal *Diário de Lisboa* no quadro de um Projecto de investigação desenhado e realizado pela Prof^a Aurea Adão. Esse trabalho é de fundamental importância para a reconstrução e crítica de correntes de pensamento pedagógico que se expressavam fora do território da Imprensa pedagógica e se difundiam em jornais de grande informação.

O caso de João de Barros (1880-1960) é, sob esse aspecto, paradigmático. Colaborador assíduo da chamada “grande imprensa”,

parte substancial da sua obra teórica viu a luz primeiramente em jornais diários ou revistas periódicas. Acham-se na mesma situação outros pedagogistas portu-gueses do tempo, sobretudo em relação a temas que repercutiam na opinião pública, de que é exemplo a proposta de reforma da Instrução Pública de João Camoesas/Faria de Vasconcelos. Artigos, estudos, entrevistas, recensões, etc. são diversos os suportes formais escolhidos, constituindo um manancial de assinalada importância como fontes para a história das ideias pedagógicas.

Os dois artigos datam de 1946 e versam ambos a questão da Paz. Ou antes: colocam-se em posição de combate contra aqueles que pareciam ansiosos por uma nova guerra, esquecidos dos horrores que as duas conflagrações precedentes tinham trazido à humanidade. Estávamos no limiar da guerra fria e de outras guerras que viriam a sulcar a história do século XX até aos nossos dias.

O culto da guerra não desaparecera. A cultura da violência permanecia na mentalidade de muitos. O antídoto procurava-o João de Barros na educação. Cumpria voltar, portanto, ao que chama "o eterno tema", isto é, à necessidade imperiosa de uma educação capaz de orientar as novas gerações para o sentimento da paz e das suas vantagens, com o "definitivo abandono da educação baseada no triste respeito pela crueldade e pela opressão e o uso cons-

tante da bondade, da generosidade, da tolerância, da justiça nas escolas de onde sairão os mestres e orientadores de amanhã". A educação para a paz era entendida, pois, como outra face da educação democrática.

Esta situação não oferecia alternativa. Por isso, João de Barros glorifica a afirmação de H. G. Wells: "a História da Humanidade tem cada vez mais a forma de um desafio entre a educação e a catástrofe".

Perante a grave situação actual, sobretudo se pensarmos no Médio Oriente e na degradação moral dos governos que têm o impudor de inventar a existência de perigosas armas para justificarem o desencadeamento de uma guerra de rapina, perante os novos perigos que se avizinham, quem se atreve a recusar o essencial desta lúcida mensagem?

Rogério Fernandes